



O aumento do preço da carne

A carne, que é um dos principais alimentos do povo, tem escasseado nos últimos dias. Veio mais esta calamidade juntar-se à calamidade da carestia da vida que, a despeito das medidas anunciamas pelo governo, continua a fazer-se sentir de uma maneira insuportável. Os negociantes e os assambadores são insensíveis aos protestos do público. Parece que se comprazem em tornar a presente situação cada vez mais angustiosa. Agora a questão das carnes veio agravá-la.

Segundo umas informações fornecidas à imprensa pelo sr. dr. Piedade Guerreiro, director do Matadouro Municipal, a falta de carne é resultante de uma manobra dos marchantes. Pretendiam estes, contra os interesses da população já tão explorada pelo comércio, aumentar o preço da carne. A esta manobra opõe-se a Câmara. Mas os marchantes reagiram. Reagiram por que forma? Pelo assambramento. Negaram a enviar as suas rezes ao Matadouro. E o assambramento foi bem patente, quer aos olhos do povo, quer aos dos poderes públicos.

Se não lhes permitissem roubar ao povo mais alguns cobres, negariam-lhe a alimentação. Este processo é vil e merece a execração de todos os que, não comerciando, não negociando com a miséria popular, têm mais em conta o bem da colectividade.

A immoral resistência dos marchantes assambadores foi tão forte que a Câmara transigiu num aumento do custo da carne. Assim, a b r i u - s e caminho às desenfreadas ambições dos que, enriquecendo à nossa custa, têm mais em conta os seus interesses particulares do que os do povo consumidor. A transigência da Câmara pode ter muitas razões a apoiá-la, excepto as daqueles que, vivendo do seu magro salário, vêm a sua existência e a dos seus filhos sobrecarregadas esmagadoras.

A Câmara estava colocada entre dois interesses antagónicos - os dos marchantes manifestamente assambadores e os do povo a braços com uma crise de trabalho e uma carestia de géneros assustadoras. Entre estes dois interesses, para qual deles deveria a Câmara pender? Para os do público.

Pois, o aumento foi concedido - e os interesses do público foram levidos. Parece-nos que este procedimento, na ocasião em que o governo anuncia ir tomar rigorosas medidas contra os assambadores, é de uma incorreção espanhola. Então a Câmara está empenhada em destruir as medidas do governo respeitantes ao assambramento? O caso é grave.

Os interesses do povo, perante os interesses ilícitos e criminosos dos marchantes que dívida alguma tiveram em privar de carne a população, deveriam merecer-lhe outra atenção e melhores cuidados.

As firmas moageiras, autênticas quadrilhas de falsificadores

Os moageiros não só falsificavam o pão, como falsificavam as escritas. Roubaram os consumidores além de os envenenarem, roubaram o Estado além de tentarem corromper, roubaram os empregados pagando-lhes salários irrisórios e, por fim, acabaram por roubar os accionistas, isto quando não se roubaram uns aos outros, como já tem acontecido.

Publicámos, há dias, uma nota de várias firmas moageiras a quem foram impostas multas, por falsificação de escritas. Hoje temos a acrescentar na lista, ultimamente publicada mas uma firma moageira:

O sr. Manuel de Jesus Campos, delegado do Ministério de Agricultura na fiscalização à escrita das fábricas de moagem, apreendeu os livros da Fábrica do Caramulo, em Almada, pertencente à Companhia Industrial Aliança, por não estarem devidamente documentados pelo facto de no fecho de contas, relativo ao período decorrido de 2 de Fevereiro a 1 de Julho do corrente ano, se ter verificado que no Diário de laboração figuravam 50.818 quilogramas de frigo laborados, a mais do que o registo de provimento do depósito de trigos aca-
sava saldo.

A multa aplicada foi de 80.280\$00.

A questão das carnes

A Comissão A. do Município já tem recebido o ofício do Ministério da Agricultura em que comunica a autorização do respectivo ministro para a Câmara importar o gado que entender necessário para o abastecimento da carne à cidade.

A Associação de Classe dos Trabalhadores de Carnes Verdes entregou ontem nos Paços do Concelho uma representação pedindo a revogação, da deliberação camarária que limita o número de talhos.

NEUTRALIDADE OU UNIDADE?

Dizem: *ATMOS AGRÉVIA*

A unidade é indispensável à coesão do operariado na luta pela emancipação da classe trabalhadora.

Digo eu:

Certamente que é indispensável. Desde que todos os trabalhadores tenham os mesmos pontos de vista e sintam a mesma causa, uma tal circunstância representa uma força colossal que, ao passar do estado latente ao dinâmico, levaria de vencida todas as resistências à emancipação do proletariado...

Porém, se na Organização Sindical se manifestam duas correntes opostas, essa unidade não pode estabelecer-se, creio eu...

Ora, na Organização Sindicalista Portuguesa, essas duas correntes são um facto: a «corrente autoritária» que arregimenta os trabalhadores monárquicos, republicanos, socialistas de estado, comunistas moscovíticos, nas suas diversas nuances; e a «corrente libertária» que liga os sindicalistas libertários, anarquistas-comunistas, isto é, uma legião apologistas da «autoridade»; outra, propulsora da «Liberdade» - dois termos irreductíveis, inconciliáveis:

«Liberdade» e «Autoridade».

Que todos estes trabalhadores estejam no Sindicato, está certo; é aqui o seu lugar. O Sindicato não lhes pregunta quais são as suas ideologias. E' um princípio básico. O Sindicato só quer saber se os seus componentes são assalariados.

Mas, quanto à ação dos corpos directivos dos Sindicatos é indiferente que elas seja pela «Autoridade» ou pela «Liberdade»? E' indiferente que os membros desses corpos directivos imprimam à orientação dos Sindicatos um ou outro destes princípios? que procurem pesar nas decisões das assembleias com a influência de um ou de outro dos mesmos princípios?

Dois casos podem dar-se, parece-me: ou os dirigentes abdicam das suas respectivas ideologias, ou não.

No primeiro caso, está realizada a unidade sindical, que só agirá no campo económico. Ideologicamente, o Sindicato é amorfo; o seu fim - bem mesquinho - consiste em mais regalias, melhor salário, menos horas de trabalho. Duvido bastante que, dada a abdicação a que aludi, um tão curto ideal, como este, tivesse realização prática... no sentido do aperfeiçoamento

No segundo caso, a direcção ou era autoritária (monárquica, republicana, socialista, moscovítica ou de qualquer confissão religiosa), ou era anarquista, libertária. Se autoritária, toda a propaganda seria feita no intuito de não tocar no princípio «Autoridade», encaminhando a massa dos

trabalhadores a, mais ou menos, conformar-se com a sujeição ao sistema autoritário do patronato. Isto é: a organização deixaria de ser... sindicalista revolucionária.

Mas (como isto é contraditório!) se os trabalhadores entram no Sindicato para a conquista da sua emancipação, *fatalmente terão de ser libertários*, e, assim, o trabalhador monárquico ou socialista de Estado, a sindicar-se, já é, «in mente», anarquista, porque pretende lutar contra a autoridade patronal ou do Estado! Isto é: contra o princípio «Autoridade», sem o qual a sua ideologia nada é!

Há, portanto, no seio da Organização, exactamente pelos objectivos a que visa, um espírito de rebeldia que a anima e a encamina inelutavelmente para o libertarismo.

Logo, os anarquistas estão na lógica quando entendem e proclamam que a direcção da Organização Social Sindicalista deve ser - é - libertária.

De resto, isto é uma fatalidade sociológica. E, senão, ponderese:

Sindicalismo neutro, amorfo (já o vimos) é sindicalismo acaanhado, restrito e dum materialidade estagnante, anti-natural mesmo.

Sindicalismo autoritário, como o que querem os socialistas ou os comunistas de Moscovo (já o vimos também) é o contrário das aspirações dos trabalhadores e não pode ser defendido senão pelos que pretendem alçá-los ao poder, cavalgando-as as massas proletárias.

E, como os trabalhadores, ao ingressarem nos seus sindicatos, não têm, em geral, mais aspirações do que as de regalias pessoais de aspecto material-económico; como, para as conseguirem, se decidem à luta contra o patrão ou contra o Estado, sem aperceberem de que, por tal facto, estão exercendo uma ação libertária; em contrário, muitas vezes, das suas crenças político-religiosas, por mais ferrenhas que sejam, nememos de concluir que a tendência da ação sindicalista operária é para a libertariedade, é para a anarquia.

No sindicalismo patronal é que a neutralidade de ideologias político-sociais ou religiosas será, talvez factível (?), porque todos os patrões, inclusivo o Estado-patrão, se entendem a maravilha no que respeita à exploração do trabalho alieno e à imposição da sua autoridade, visto todos eles precisarem, como ideólogos e como patrões, da «Autoridade» para explorarem e da «Exploração» para viverem para os seus negócios e para os seus créditos políticos ou de seita.

José Carlos de SOUSA

Notas & Comentários

Descaramento

A Comissão Oficial dos Socorros ao Faijal envia-nos um ofício afirmando que o nosso jornal tem lá um representante. O é verdade. Agradecemos quando nos convidaram a atenção que tiveram - mas fizeram-nos representar. Se nesse comitê há alguém que se intitula representante do nosso jornal devemos informar que essa criatura representa, apenas, o seu descaramento.

O A B C, jornal reaccionário e católico de Espanha, publicou ultimamente um artigo sobre fascismo que foi vivamente comentado.

O artigo afirma-se que o fascismo nega e mutila sistematicamente direitos humanos, devendo por isso ser considerado incivil e contrário às leis da natureza.

O fascismo é, como se depreende, combatido até por reaccionários. Com vista a alguns exaltados deste país...

Um lamentável percalço

Um imprevisto percalço inutilizou-nos original da crítica que Nogueira de Brito nos enviou sobre o notável concerto musical realizado no domingo no Teatro do Gimnásio.

Daquele nosso prezado colaborador e dos nossos leitores esperamos que nos relevem a falta - muito lamentável mas involuntária.

Uma armadilha

Anastácio Pinto de Oliveira comprou ontem a sua passagem em Alhândra a fim de tomar o comboio que passa na Póvoa, pelas 19 horas, pouco mais ou menos. Perdeu o referido comboio e embarcou no seguinte, cerca das 21 horas. No Rossio, porém, o chefe Guimaraes obrigou-o a pagar novo bilhete, alegando que o que o passageiro apresentava não tinha valor para o comboio seguinte. Trata-se de uma roubaheira revoltante. Bem basta o custo elevadíssimo das passagens quanto mais exigir que o passageiro as pague por duas vezes, quando uma só vez transitou.

O confraria imperial britânica

LONDRES, 17. - Considera-se presente provável que a conferência imperial encerre os seus trabalhos na tarde de terça-feira próxima, em virtude das progressos feitos pelas comissões, a maioria das quais conclui os seus relatórios no fim da semana. Vários relatórios serão apreciados na sessão plenária de amanhã. - (L.)

Francia e Rússia

PARIS, 17. - A próxima viagem do sr. Tchitcherine a esta cidade coincidirá com o encetamento das negociações para o tratado com a República dos Sóvietes. - (L.)

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulada *El drama de un amor vulgar*, de J. Rodriguez Aragón. - Preço, \$50. - Pedidos à administração de A Batalha.

UM HOSPEDÉ ILUSTRE...

O coronel Gray vem brevemente a Lisboa organizar o fascismo

Do Século reproduzimos e na íntegra este interessantíssimo telegrama:

MADRID, 16. - Na sede da União Patriótica realizou a sua anunciada conferência o coronel fascista Gray. Principiou por afirmar que Mussolini brevemente enviará a Espanha várias comissões fascistas, para estarem a maravilha no que respeita à exploração do trabalho alieno e à imposição da sua autoridade, visto todos eles precisarem, como ideólogos e como patrões,

da «Autoridade» para explorarem e da «Exploração» para viverem para os seus negócios e para os seus créditos políticos ou de seita.

O coronel Gray vai a Lisboa a fim de fundar e organizar o fascismo italiano e, no dia 18, voltará a Madrid, onde lhe será oferecido um banquete pelo «comitê» de aproximação hispano-italiana. - (Século.)

O coronel Gray supõe, provavelmente, que em Portugal se pede fascismo em altos gritos

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalha ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice) 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 35\$00.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6\$00.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6\$00.

A venda nos livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», r. dos Poetas de S. Bento, n.º 27 - Lisboa

Biblioteca de Instrução Profissional

Manuals de ofícios

Galvanoplastia..... 18\$00

Motores de explosão..... 20\$00

Navegante..... 16\$00

Cimento armado..... 25\$00

R situação de "A Batalha" continua sendo angustiosa

Nunca é demais que o operariado saiba que não há neste país lugar para um jornal diário que viva honestamente dos seus recursos, desde que se consagre a combater todas as violências e todas as explorações, arremetendo com desassombro contra os tiranos e os exploradores.

A própria Batalha não vive dos seus recursos. Se o auxílio do proletariado lhe faltasse teria que desaparecer. A-pesar desse auxílio a situação deste jornal continua sendo angustiosa. O perigo do seu desaparecimento parece arredado, se continuar, como nós o esperamos, o operariado a interessar-se por ela, socorrendo-a monetariamente, ajudando-a a desenvolver-se dos obstáculos que lhe obstroem a sua ameaça.

Há, portanto, no seio da Organização, exactamente pelos objectivos a que visa, um espírito de rebeldia que a anima e a encamina inelutavelmente para o libertarismo.

De resto, isto é uma fatalidade sociológica.

Logo, os anarquistas estão na lógica quando entendem e proclamam que a direcção da Organização Social Sindicalista deve ser - é - libertária.

De resto, isto é uma fatalidade sociológica.

Logo, os anarquistas estão na lógica quando entendem e proclamam que a direcção da Organização Social Sindicalista deve ser - é - libertária.

De resto, isto é uma fatalidade sociológica.

Logo, os anarquistas estão na lógica quando entendem e proclamam que a direcção da Organização Social Sindicalista deve ser - é - libertária.

De resto, isto é uma fatalidade sociológica.

Logo, os anarquistas estão na lógica quando entendem e proclamam que a direcção da Organização Social Sindicalista deve ser - é - libertária.

TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 15 h. - Soirée às 20,45 h.

O grande êxito da actualidade

SARA GABY et PETIT BEY

Extraordinário trio de canto e baile
PETIT BEY é um verdadeiro fenômeno
artístico.

CARMEN CHINCHILLA

Formosíssima e elegante baileira.

PEPITA CAMELIA

Graciosa comediante-baileira

VETTE DAURIGNY

Distinta cantora francesa.

Concerto pela FOZ MELODY BAND

NO ECRAN: «Lutando com as chamas»
(6 partes)

Explicando uma atitude

Pedimos o militante juvenil José dos Santos a publicação da declaração do seguinte:

Para conhecimento dos Núcleos de Juventude Sindicalista, declaro que deixei de fazer parte do Comité da Federação das Juventudes Sindicalistas, para o qual tinha sido nomeado no último congresso juvenil.

Tomrei esta atitude devido à forma incorrecta e pouco digna como procedeu uma parte do referido Comité, assumindo uma circular da U. A. P., a-pesar-de estar em minoria, com a agravante da maioria ter discordado desse ato, por ter a intida compreensão de que as Juventudes não se devem imiscuir na vida interna da C. G. T.

Esta minha atitude é também motivada pela circunstância da referida minoria do Comité Federal se ter entendido a um reduzido grupo de indivíduos que têm causado gravíssimos prejuízos à organização operária. Um dos membros dessa escassíssima minoria, o secretário geral Emidio Santana, chegou ao extremo de sonegar a minha correspondência particular e responder a ela abusivamente, em nome do Comité, visto ele não ter tido conhecimento desse facto.

Com indivíduos desse feitio moral não podia nem devia acamaradar por mais tempo. São estes, succinctamente expostos, os motivos da minha decisão. — José dos Santos.

Um mercado no Alto do Pina

Uma comissão de vendedores ambulantes entregou uma representação em que pedem autorização para construirão ao ar livre um mercado para venda de produtos agrícolas e hortícolas, na rua Eulálio Cavell, prorrogando-se a fazer as terraplenagens, a cerca o local vedando-o e até cobrindo-o se for preciso.

Hemorroidal

Cura-se evitando operação, tanto interno como externo, em 5 dias, na Farmácia Ultramarina, rua de São Paulo, 101. Receita completa, 30\$00.

A sorte dos quiosques

Voltaram ontem aos Paços do Concelho os donos dos quiosques da rua 24 de Julho, e Praça dos Restauradores, os quais pediram ao presidente da Comissão Administrativa para permanecerem naqueles locais com as suas instalações. O presidente respondeu que a Comissão Administrativa não revogava as suas deliberações.

Protecção aos animais

O guarda 820 da polícia cívica, acompanhado de alguns sócios da Sociedade Protetora dos Animais, continuou ontem nas ruas aos indivíduos que aplicam maus tratos aos animais, tendo apreendido 13 cíclicos e 21 cavalos, que no pôsto de medicina veterinária da Sociedade foram pelos veterinários srs. Piedad Guerreiro e Filipe Caiola, dadas como incapazes para o serviço. Foram também presos o carroceiro Ramiro Ferreira e o proprietário de carroças Feliciano Vitorino, que foi condenado no tribunal dos pequenos delitos em 50\$00. As rugas vão ser intensificadas, devido ao resultado obtido nos últimos dias.

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda
uma bela obra de
RICARDO MELLA,

IDEARIO.

que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos:
Droctria - Crítica Social - Educação e Liberdade - Tática - Evolução e Revolução - Violência - Liberdade e Autoridade - Ensaios Filosófico-literários - Ideias Iconoclastas - Moral - Temas Sociais - Humanos - Representações - Trabalhos Poéticos - Leituras - Fragmento Inédito.

Preço 15\$00 - Pelo correio 16\$50

Pedidos à Rua Infração 38
A BATALHA.

SOCIEDADES DE RECREIO

Troupe de Bandolinistas «Os Lyras». — Hoje, às 21 horas, grandioso baile com diversas surpresas promovido pela Comissão de Melhoramentos em honra da Comissão Administrativa e da Troupe de Bandolinistas que se digna abrillantar o referido baile.

TEATRO AVENIDA

Telef. N. 4355

O teatro mais popular de Lisboa

HOJE, às 21,30 horas

COMPANHIA SATANELA-AMARANTE

Espectáculo sem igual em lisboa e o único teatro que explora com êxito e agradão, o gênero da comédia musical.

O monumental «vaudeville»

O Pão de Ló

SEXTA-FEIRA:
O DR. DA MULA RUÇA

Dois aeroplanos destruídos

DAKAR, 17. — Os indígenas apresaram e destruíram dois aeroplanos do serviço postal Dakar-Cairo e apresaram os seus tripulantes. — (L.)

TIVOLI

Telefone N. 5474

MATINÉE ÁS 3 HORAS

SOIRÉE ÁS 9 HORAS

YOLANDA

(DÍLIO DE PRÍNCIPES)

Reconstituição histórica, em 2 joradas, com

Marion Davies, Ralph Graves, Holbrook Blinn, Lyn Harding e

Johnnie Deoley.

ENREDO EMPOLGANTE

O casamento da Libélula

(Bonecos articulados)

UM CINÉ-FARÇA

UM DOCUMENTÁRIO PORTUGUÊS

PIRILAU NO BOSQUE

(Bonecos desenhados)

Na Matinée têm entrada gratuita as crianças acompanhadas de suas famílias

INSTRUÇÃO

Concurso para professores efectivos

A folha oficial de hoje deve publicar o aviso fazendo nova prorrogação, até 24 de outubro, do concurso para provimento de lugares de professores efectivos dos liceus, aberto nos termos do art. 140.º do decreto n.º 12425, de 2 de Outubro findo.

Prorrogação de prazo

Não tendo alguns professores das extintas escolas primárias superiores enviado à direção geral de ensino primário e normais os documentos a que se refere a portaria de 26 de junho de 1926, publicado no Diário do Governo n.º 150, 2.ª série, foi concedido um novo prazo de 15 dias para o cumprimento do determinado naquele diploma. O não cumprimento do disposto no art. 1.º da citada portaria, será para todos os efectivos condonado como pedido de exoneração.

Ensino Industrial

O ministro do Comércio determinou, por seu despacho de ontem, que a comissão encarregada de classificar os candidatos das escolas de ensino elementar industrial e comercial seja composta pelos seguintes professores: Clemente Vitor Manuel Bueno e Martins, do Instituto Superior de Comércio, que presidirá; Duarte José Pacheco, do Instituto Superior Técnico, de Lisboa; António Jacinto Maria de Vilhena, do Instituto Industrial de Lisboa; Luís da Silva Viegas, do Instituto Comercial de Lisboa; Celestino Rodarte de Almeida, da Escola Industrial de Alcione Domingues, de Lisboa; Eurico Humberto Tavares Moreira, da Escola Comercial de Ferreira Borges, de Lisboa; e Carlos Pedro Pinto Ferreira, da Escola Preparatória de Rodrigues Sampaio, que servirá de secretário. Os concorrentes, segundo informes que acabamos de colher, são em número elevadíssimo.

Universidade Nacional de Instrução e Educação

Na 2.ª secção desta Universidade, instalada na rua do Paraíso, 28, 1.º, estão abertas as matrículas todos os dias das 13 às 15 horas e das 19 às 23 horas, para os cursos diurnos e nocturnos de primeiras letras, instrução primária, trabalhos manuais, caligrafia, português, francês, aritmética e escrituração comercial, podendo inscrever-se nestes cursos como alunos, todos os indivíduos de ambos os sexos, crianças e adultos de qualquer profissão.

Dois nomes iguais

O médico sr. dr. Mário de Aguiar escreve-nos uma carta demonstrando que nenhuma que ver com o advogado sr. dr. Mário de Aguiar, que há dias pronunciou um discurso num

NA MOITA

Um ensaio de música que termina num ensaio de pancadaria

Na Moita do Ribatejo residiu o trabalhador Carlos Gonçalves, 15 anos, filho de Manuel Gonçalves e de Maria dos Santos. O Carlos é sócio da Sociedade Filarmónica «Estrela Moitense», daquela vila, em cuja sede esteve ontem assistindo a um ensaio de música. Terminado este, saiu em companhia de outros seus consócios dirigindo-se para casa, quando a meio do caminho se encontrou com um grupo de indivíduos do qual fazia parte um pedreiro, cujo nome se ignora, e que reside em Pinhal Novo. Ao cruzarem-se os dois grupos, o pedreiro dirigiu qualquer chute ao outro, o que deu origem a troca de palavras azedas entre os dois grupos, acabando o tal pedreiro por disparar uma pistola, indo o projectil atingir no pescoco o carpinteiro reconhecido de Ernesto Rodrigues, Félix Bermudes e João Bastos, ornados de bela música do maestro Wenceslau Pinto. Marcam-se bilhetes para este espetáculo.

Purgações

e

Prostatites

Curam-se radicalmente na Farm. Ultramarina, Rua de São Paulo, 101. Purgações 4 dias. Prostatites, 21 dias. Antigas ou recentes, curam-se sempre.

Vendas ambulantes

Alcâmera, ao que nos consta, vai estabelecer o mercado de livros usados no largo Trindade Coelho, permitindo ali a venda de livros noutros locais que não estejam compreendidos no perimetro em que foi proibida.

Também não é permitida no referido perimetro a venda de balões para crianças.

Bairro do Arco do Cego

Voltaram ontem novamente a visitar as obras do Bairro do Arco do Cego, os vogais srs. Quirino da Fonseca e Ferreira Lopes, que tiveram a acompanhá-los o engenheiro Marques Ferreira. O motivo da visita foi verificar a forma mais rápida e melhor de concluir as edificações ali iniciadas, quando o bairro passe para a posse da Câmara.

— Esta é a opereta «A Princesa Manequim»

CONTOS DE A BATALHA

O Vagabundo

por GUY DE MAUPASSANT

Há mais dum mês que João Randel correia de povo em povo a procura de trabalho. Tinha 27 anos, era carpinteiro, e como no seu país não havia quem lhe alugasse os braços, resolvem abandoná-lo para não se tornar pesado à sua pobre família.

Conseguiu os documentos indispensáveis e levando sete francos no bolso, partiu um dia para longínquas paragens. Não foi feliz. As suas excursões não lhe proporcionaram ensejo de realizar os nobres propósitos que o animavam: em todas as partes lhe diziam que a crise de trabalho era assustadora.

Para matar a fome, já que não podia exercer o seu ofício, foi moço de estrebaria, rachador de lenha, guardador de porcos; mas o salário que percebia, não chegava senão para comer duas ou três vezes por semana. Por fim, nem isso lhe dava dinheiro. De maneira que teve de se sujeitar a comer o pão duro que lhe davam por esmola.

Uma tarde, João Randel, extenuado de fadiga, faminto, andrajoso e descalço, vagueava por uma estrada sem saber como saciar o apetite que o devorava. O auge do desespero, pôs-se a gritar:

— Miseráveis! Infames! Não compreendo a razão porque deixaram morrer à fome um indivíduo da vossa espécie! Então eu não tenho direito à vida como vós?

Farto de sofrer, João Randel decidiu regressar à sua terra, na esperança de encontrar ali trabalho, visto que, naquelas paragens, principiavam a desconfiar dele.

Passou a noite a ar livre; e na manhã seguinte dirigiu-se a um lugar bastante frequentado e sentou-se numa pedra.

Era domingo. O povo daquelas imediações, atraído pelo repique dos sinos, acudia à primeira missa.

Ramel precipitou-se primeiro sobre o pão; depois, comeu tudo o que pôde. Bebeu também uma garrafa de vinho e meia a mussa que constava de sopa de legumes, de carne coida e arroz.

Ramel precipitou-se sobre o pão e sentou-se a uma janela. Quando Randel se viu só, pôz-se a caminhar ao acaso. Ao passar em frente de uma casa, cuja janela estava aberta, sentiu um cheiro a comida.

— Desta vez — exclamou — não ficarei sem comer.

E bateu à porta, mas ninguém lhe respondeu.

Trepon entrou à janela e entrou na casa.

A mesa estava posta. Os donos tinham ido à missa das onze e deixaram na fôrmaula o almôço que constava de sopa de legumes,

de carne coida e arroz.

Ramel precipitou-se sobre o pão e sentou-se a uma janela. Quando Randel se viu só, pôz-se a caminhar ao acaso. Ao passar em frente de uma casa, cuja janela estava aberta, sentiu um cheiro a comida.

— Desta vez — exclamou — não ficarei sem comer.

E bateu à porta, mas ninguém lhe respondeu.

Trepon entrou à janela e entrou na casa.

A mesa estava posta. Os donos tinham ido à missa das onze e deixaram na fôrmaula o almôço que constava de sopa de legumes,

de carne coida e arroz.

Ramel precipitou-se sobre o pão e sentou-se a uma janela. Quando Randel se viu só, pôz-se a caminhar ao acaso. Ao passar em frente de uma casa, cuja janela estava aberta, sentiu um cheiro a comida.

— Desta vez — exclamou — não ficarei sem comer.

E bateu à porta, mas ninguém lhe respondeu.

Trepon entrou à janela e entrou na casa.

A mesa estava posta. Os donos tinham ido à missa das onze e deixaram na fôrmaula o almôço que constava de sopa de legumes,

de carne coida e arroz.

Ramel precipitou-se sobre o pão e sentou-se a uma janela. Quando Randel se viu só, pôz-se a caminhar ao acaso. Ao passar em frente de uma casa, cuja janela estava aberta, sentiu um cheiro a comida.

— Desta vez — exclamou — não ficarei sem comer.

E bateu à porta, mas ninguém lhe respondeu.

Trepon entrou à janela e entrou na casa.

A mesa estava posta. Os donos tinham ido à missa das onze e deixaram na fôrmaula o almôço que constava de sopa de legumes,

de carne coida e arroz.

Ramel precipitou-se sobre o pão e sentou-se a uma janela. Quando Randel se viu só, pôz-se a caminhar ao acaso. Ao passar em frente de uma casa, cuja janela estava aberta, sentiu um cheiro a comida.

— Desta vez — exclamou — não ficarei sem comer.

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	9475	
Madrid cheque	297	566
Peris, cheque	378	378
Suica	274	274
Bruxelas cheque	1950	1950
New-York	784	784
Amsterdã	260	260
Itália, cheque	381	381
Brasil	585	585
Suécia, cheque	524	524
Austria, cheque	277	277
Berlim,	467	

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA
LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Tabacaria e Kiosque

CONSELHO TÉCNICO
DA
CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos ostralhos em cantarias e marmores de todas as provéniencias.

Telefone — 539 Trindade
Escritório:
Calçada do Combro, 38-A, 2º

FÁBRICA
eladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C. a
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

NAO SOFRAM MAIS!



= Usem HERPETOL para as =

— doenças da pele —
Umas gotas desse medicamento acalmam e fazem por completo desaparecer a comichão. O HERPETOL é a realidade o primeiro medicamento de serviço para as doenças da pele, tais como: Eczema, Psoríase, Herpes, Erysipelas, Crostas, ARDENCIAS NA PELE e MORDEURAS DE INSECTOS. instantes depois da aplicação, o padecente vê com regozijo sintomas de restabelecimento. A CURA É COMPLIDA em muitos casos um áido frasco suficiente para uma cura. Se sofre, comepe sem temor a essa especialidade que se vende nas principais farmácias.

DEPÓSITOS:

LISBOA, R. DA PRATA, 237, I.º

Menstruação

Aparece rapidamente seja qual for a causa tomando o

FERREOL

Não prejudica a saúde. Caixa 15500.

Envia-se pelo correio à cobrança.

FARMÁCIA CUNHA

R. da Escola Politécnica 16 e 18

LISBOA

A PRESTAÇÕES

Fatos, calçado, sobretudos, pelu-

ches, roupas brancas, chapéus, arti-

gos de lã, peles, capas e todos os

artigos próprios da estação, mobili-

as em ferro e madeira, — na antiga e

acreditada casa da Rua António

Pedidos à A BATALHA

ou no Cais do Sodré, 82

Práticas mal-tutuianas... \$50

O sentido em que somos anarquistas... \$30

A peste religiosa... \$40

A Liberdade... \$50

A internacional (música e letra)... \$30

Pedidos à A BATALHA

ou no Cais do Sodré, 82

sua sorte. Naquelé dia só corria perigo quem quisesse desarmar a colera popular, e Vitória partilhava o sentimento geral de Paris sobre a necessidade dum extermínio completo dos prisioneiros. Mas, de repente, lembrei-me do jesuita Morlet e do seu cúmplice Lehiron; sabia o ódio que o reverendo tinha a minha irmã. Tais pensamentos produziam em mim uma crescente ansiedade: o jesuita e Lehiron eram capazes de todos os crimes, e neste dia nefasto, em que o sangue corria a jorros, nada seria tão fácil a esses miseráveis como o assassinato de Vitória. O abade-Morlet, fiel a sua esperança de ver a revolução deslustrar-se e perder-se pelos excessos cometidos, devia ter instigado o povo a matar os prisioneiros; podia ter também ido, disfarçado, às prisões com Lehiron e a sua quadrilha, e, encontrando minha irmã, apontá-la aos assassinos. Estes pensamentos produziram em mim as mais negras apreensões. De minuto a minuto aumentavam os meus receios... E não havia meio de os diminuir!... Esta eu em extrema ansiedade quando ouvi passos na escada; corri à porta, que se abriu. Vitória soltou um grito de alegria, lançou-se nos meus braços e desatou a chorar, murmurando por entre lágrimas:

— Meu irmão, meu querido irmão, torno emfim a encontrar-te! Graças a Deus!

A emoção de Vitória serenou, e ela disse-me então qual a causa dos seus sustos:

— Ainda agora, vindo eu para casa, encontrei, à

distância duns dez passos daqui, o nosso vizinho D.

Dubreil; reconheci-o à luz do candilero. Quando me viu,

parou, olhou para mim com uma expressão de pun-

gento surpresa, e disse-me: «Vem procurar João?»

Como eu lhe respondesse que sim, ele replicou-me:

«Ai! o pobre João falou ao povo esta manhã, neste

mesmo lugar, contra a matança dos prisioneiros!»

tomaram-no por um traidor, e a multidão, na sua fúria... O nosso vizinho interrompeu-se neste ponto e ocultou o rosto com as mãos. Eu compreendi então tudo: cedendo à generosidade do teu coração, tu que-

rias opôr-te a que a justiça popular seguisse o seu curso, e tinhas pago com a vida essa tentativa!... Foi este o meu primeiro pensamento: fiquei um momento assombrado; perturbou-se-me o espírito, e eu cheguei a pensar que ia enlouquecer. Corri até à porta, bradando: — «Meu irmão, meu irmão!» O porto preguntou-me porque estava inquieta, e disse-me que havia duas horas que tu tinhas chegado a casa. Mas eu não podia dar-lhe crédito enquanto não te visse!

Eu contei então a minha irmã a causa do engano do nosso vizinho, confessando-lhe que quase me custava a vida a minha intervenção a favor dos prisioneiros. Disse também a Vitória os receios em que estava por causa da prolongada ausência dela; porque, conhecendo o ódio que lhe tinha o jesuita Morlet, eu tinha imaginado que ele aparecesse também nas prisões para instigar à matança.

— E' verdade, me disse minha irmã, que o jesuita apareceu um instante à porta da Abadia com Lehiron e alguns dos seus bandidos. Mas elas logo viram que não estavam bem ali; na Abadia não se roubava nem assassinava; julgava-se, condenava-se os criminosos... e libertava-se os inocentes.

— Ah! e em nome de que lei eram uns condenados e outros absolvidos?

— Em nome da justiça eterna, que puni os maus e poupa os bons.

Eu estava espantado a ouvir Vitória, a quem re-

plicou:

— E ainda que um simulacro de julgamento presidissem a essa carnificina, com que direito se constituíram esses homens em juízes, acusadores e alzados dos prisioneiros?

— Irmão! com que direito é que os jurados que assistem às sessões do tribunal revolucionário criado a 17 de Agosto último declararam inocentes ou criminosos os acusados?

— Usam dum direito que lhes dá a lei.

— Então a lei reconhece em certos casos aos ci-

dadiões eleitos pelo povo o poder de condenar ou absolver?...

— Em certos casos, sim, mas o caso de que se trata não é desse.

— Isso são subtilezas de advogado, João. Vou contar o que se passou na minha presença: o povo elegera por aclamação um tribunal revolucionário de onze jurados, para julgar os prisioneiros. Eu vi e ouvi tudo, e juro por Deus e pela minha consciência que todos os que foram condenados mereciam a morte. Ouve o que te vou contar, e depois te pronunciarei pelos que glorificam os acontecimentos de Setembro ou pelos que os condenam. Eles factos que provocaram a invasão da Abadia; três carros com padres refratários, acusados de terem incitado a guerra civil, para a prisão; no momento em que os veículos se aproximavam da porta, um dos padres que, pela violência das suas expressões, ofendia a multidão, foi insultado. Furioso, o padre atirou uma bengala a um dós que o tinha injuriado; a multidão, exasperada, entrou na prisão atrás das carroças, e matou os padres que estavam nelas. Foi nesta ocasião que eu entrei na Abadia. Quasi ao mesmo tempo comigo entrou Manuel, o procurador sindicado da comuna. O povo exigiu então que os guardas entregassem os prisioneiros. Manuel pediu a palavra, e leu o seguinte decreto da comuna:

«Em nome do povo, cidadãos, sois convidados a julgar todos os prisioneiros da Abadia, sem distinção, excepto o abade Lenfant, que deverá ser posto em lugar seguro.

«Casa da câmara, 2 de Setembro de 1992.

Assinados: Panis, Sergeant, administradores.»

— Manuel, depois de ter lido este decreto, exclamou: — Cidadãos! é justo o nosso ressentimento; guerra de morte aos inimigos do bem público; combatam-nos sem dó nem consciência, pois é preciso

que elas morram. Mas todos nós amamos a justiça, e nos basta a todos só a ideia de mancharmos as mãos em sangue inocente para nos fazer tremer de horror. E' preciso que nos não lancemos como tigres contra homens, que são nossos irmãos.

— Reuniu-se na secretaria da prisão um tribunal eleito pelos assistentes e presidido por Maillard: entrou-se para a secretaria por um portão que comunicava para o interior da prisão, e saiu-se por uma porta que comunicava para o pátio; era ali que os justicieros esperavam os condenados para os imolar. Maillard tinha na sua frente, sobre a mesa, o registro da prisão, onde estavam assinaladas as acusações contra cada preso, e o motivo da sua prisão. A cada nome que era chamado, ia um cárcebre buscar um preso, depois introduzir-o no tribunal... e agora vais ver como procedia o tribunal: trouxeram um cavaleiro de São Luis, ex-cáptio de caçadores do rei. O acusado, outrora senhor de muitas paróquias, possuía ainda uma grande fortuna; chama-se Jóvian de São Meard. Ei! o perante o tribunal, dizendo o seu nome, etc. «O sr. é realista?» lhe perguntou Maillard. E como São Meard se perturbasse com esta pergunta, Maillard disse-lhe ainda: «Responda sem receio, que nós estamos aqui para julgar, não as opiniões, mas só os seus resultados.» O cavaleiro de São Meard, homem resoluto e leal, respondeu: «Sou realista, e tenho saudades do antigo regime; creio a França essencialmente monárquica. Nunca ocultei as minhas opiniões; tenho um gênio naturalmente zombeteiro, e por isso publiquei muitos versos satíricos contra a revolução. São estas as principais bases da minha acusação. Quanto a outros factos, tenho em meu poder documentos que felizmente me permitirão que lhes prove a minha inocência, cidadãos. E São Meard tirou dum carteira muitos papéis, que foram cuidadosamente examinados; testemunhas que por acaso estavam lá, foram ouvidas pró e contra o acusado. A sua defesa, muito desenvolvida, durou cerca de meia hora, e ele terminou-a com estas palavras: «Tenho

ESTE SEGURO IMPÔE-SE A

TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de ESC. 100\$00 MENSAIS pagos enquanto vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

DOENÇA E INVALIDEZ

Companhia de Seguros

Sede — Rua Garrett, 95

LISBOA

IMPORTANTE:

Mediante um ligeiro sobre-premio,

A MUNDIAL pôr-vos-há ao abrigo da

DOENÇA E INVALIDEZ

NINGUEM!! NINGUEM!!

deve comprar casacos para senhoras e crianças em peluches de lã, peluches de seda e de outros tecidos de lã modernos e sobretudos para homens

sem primeiro ver na

CASA MARIPOSA

RUA DOS FANQUEIROS, 87 a 91

MALETAS DE CABEDEAL

em todas as qualidades e feitios, vendem-se a preços de fabricante

— EM —

A ORIGINAL

RUA DA PALMA, 266-A

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 25\$00; pelo correio, 25\$00. Pedidos à administração de A Batalha.

A' VENDA a 10.ª SÉRIE

DE OS MISTÉRIOS DO PVO

Intressante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

Loutra mais barata que no gênero se publica

Cartilha do homem do povo

Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Loforte

O que é ser socialista? por Ernesto da Silva e Ladislau Batalha

Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva

Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar

A BATALHA

PROBLEMAS SOCIAIS

Sistemas e elementos da produção

O indivíduo está sujeito a múltiplas necessidades que tem de atender, especialmente as que interessam à sua conservação física, sob pena de morrer.

Os tempos primitivos obrigavam à aquisição de meios de vida como fosse possível e onde fosse possível. Carecia-se de instrumentos de trabalho apropriados e da necessária capacidade.

A terra dava espontaneamente frutos que os homens saboreavam sem o menor esforço. Os rios eram outras fontes de recursos para a vida. Mas os objectos para o consumo eram produzidos e obtidos com o esforço directo do consumidor.

A caça, a pesca, o cultivo da terra e a fabricação de objectos eram realizados pelos que precisavam de consumir e usar desses objectos e dessas coisas. E os meios de obter (instrumentos de caça, ou pesca, cultivo, etc.) pertenciam aos próprios consumidores.

Os factores da produção — terra, instrumentos e trabalho — estavam reunidos, associados para um só fim. Todo o produto necessário, na sua fabricação, do concorso dos três factores: materiais primas, instrumentos e força de trabalho. Por exemplo: a fabricação de móveis precisa de madeiras (matéria prima), ferramentas (utensílios indispensáveis), e força de trabalho (operários marceneiros).

Os dois primeiros elementos são "passivos" e permanecem eternamente imóveis e improdutivos se um terceiro elemento, o verdadeiro e único "ativo", a força de trabalho, não interviesse pondo em movimento os outros, levando-os a produzir coisas necessárias ao consumo e à permuta.

A produção require o concorso dos três elementos, porque elas são indispensáveis inseparáveis e a sua associação impõe-se, no terreno natural dos processos de produção, porque desta são três factores.

Na actualidade, a sociedade capitalista, o produtor, a força do trabalho, estão separados pelos outros elementos. Um grupo de homens é proprietário das fontes de matéria prima: são os donos das terras. Outro grupo está na posse dos meios de produção: máquinas, oficinas, fábricas, meios de transporte e outros utensílios: são os industriais, os capitalistas, etc. E, por fim, um outro grupo, o mais numeroso, tem apenas a propriedade dos seus braços: são os trabalhadores.

LUTA DE CLASSES

O mau sestro do governador da Companhia de Moçambique na solução de um conflito

Beira, 6 de Outubro.—A reunião dos empregados, marcada pela cordura com que todos se houveram e pela demonstração sincera e inconfundível da união e convicção em que todo o pessoal se encontra de que as suas reclamações justas e fundamentadas, merecem ser atendidas e consideradas, estando todos dispostos a continuar na mesma luta insana e leal, até final liquidação deste pleito.

Na verdade, sensibiliza ver que a desastre dia de greve, prazo mais que suficiente para causar ânimos fortes, tantos homens de temperamentos diferentes, de cultura diferente, de diferentes maneiras de ser, se mostrassem sem o menor indicio de desâimo, sem o menor cansaço moral, dispostos a não arredar pé, sem que as suas pretensões sejam satisfeitas por quem de direito.

E para esta demonstração, duma beleza surpreendente, não contribuiu a menor influência estranha, a menor coacção.

Das boas intenções de todos os empregados não é lícito duvidar, pois que tendo podido recorrer a violências, sempre desastrosas para todos, o não fizeram nem estão dispostos a fazer.

Do governo do território deveria haver também a boa vontade precisa para aceitar bases de negociações para rápida e urgente finalização deste movimento que todos os impelidos pela força das circunstâncias.

O governador do território, ao ter conhecimento do que se passou na reunião de hoje, deve ter-se sentido orgulhoso por se encontrar na frente de homens de tal témpera. E é mesmo homem que dirige superiormente os destinos deste território, se estivesse no nosso lugar, também, decerto, não abandonaria o seu posto para se entregar nas condições que nos foram aconselhadas e que consideramos humilhantes.

E não se pode negar que a situação de hoje está mais complicada que de princípio, porque há os lados morais da situação a considerar — as deportações por nossa causa, as entidades estranhas à colectividade que se viram envolvidas neste movimento, interesses de terceiros prejudicados, etc., etc. Não se trata já só de interesses materiais propriamente ditos.

E, portanto, para lamentar que o sr. Correia da Silva se tivesse apressado a fazer publicas no boletim o seu despacho em que considera já despedidos 130 empregados, através dos quais muitos se hão de seguir, pretendendo desfazer, com uma só pena, todos os direitos adquiridos por muitos empregados com muitos anos de serviço, sem respeito por sagrados direitos, e que o fizesse sem nunca ter querido receber representantes do funcionalismo nem tentar satisfazer as suas reclamações na medida do possível.

Se o sr. Correia da Silva tem a ilusão de que está já completamente resolvida a questão, a nós, queremos parecer que ela apenas está um pouco mais complicada para ele.

Sem receio de controvérsia, a situação geral sobre a marcha dos acontecimentos é a mais satisfatória possível.

O sr. Correia da Silva começou a colher os frutos verdes do temporal que o seu desvairamento agitou: negando o Bem, destruindo as virtudes e exagerando só o Mal, colocou-se numa situação ridícula para o território e irrisória para os que o apoiaram dando-lhe a seu despotismo.

Em Lourenço-Marques, de onde irradiou toda essa força, já se sabe a verdade dos factos; já se sabe que o Bem é a nossa razão; já se conhece que a nossa virtude pacífica

O aumento do preço da carne neste momento de pavorosa carestia significa um desrespeito intolerável pelos interesses do povo

O DECRETO DE REPRESSÃO DOS ATROPELAMENTOS

Realizou-se, no Porto, uma importante sessão de protesto dos 'chauffeurs' do Norte do país

PORTO, 16.—No amplo salão do Centro Comercial do Porto, realizou-se no passado sábado, uma importante sessão magna de componentes do automobilismo para protestar contra o anunculado decreto de repressão aos atropelamentos que o governo tenta pôr em vigor.

As classes, que nascem e têm a razão da sua existência na separação dos elementos da produção, usam de todos os processos de arrancar o maior proveito possível dos elementos que têm em seu poder, assim safando todas as lutas.

Esta sessão que foi levada a efeito pela

Associação dos Chauffeurs e Condutores de Automóveis do Norte de Portugal marcou não só pela extraordinária concorrência, mas também pelas afirmações feitas de franca repreensão contra as pretensões governativas.

A hora marcada, Mário Neto de Carvalho, como presidente da assembleia geral, expôs os fins da reunião, depois do que é formada a mesa que fica assim constituída: presidente, Arnaldo Salgueiro; secretários, Marques Pinto e Manuel Claro.

O presidente depois de feitas várias considerações, dá a palavra a Jaime Vidal, como delegado nomeado pela classe para em Lisboa tratar junto da Associação do Sul e do governo do magno assunto que apresentava.

Ninguém, por mais cauteloso que seja, pode evitar o inevitável. O governo quer

forçar os condutores a concorrerem materialmente para as vítimas e suas famílias.

De maneira que amanhã, se um indivíduo

querer suicidá-se, deve procurar pôr termo

à existência metendo-se debaixo dum carro, na certeza de que desta forma assegurara o sustento dos seus.

Desta forma não sendo possível a viação acelerada, os "chauffeurs" portugueses te-

rão que ser reportados aos tempos da idade média. Deixarão de existir os automóveis, para darem lugar as liteiras e os condutores de hoje serão os que amanhã terão de transportar os ombros, como no passado, os indivíduos que pretendem viajar. Por sua parte garante não estar disposto a tal recuo do progresso. Irá talvez engrossar o número dos que governam a vida de "qualquer maneira" mas o que não tolerará é o estabelecimento de pretensões de quem quer fazer sujeitar a classe dos "chauffeurs" uma legião de malfeitos.

Em seguida têm a palavra Francisco Carvalho, Francisco Pinheiro e novamente Jaime Vidal, que alude a vários e interessantes factos sucedidos com algumas individualidades políticas, a quem algumas vezes os "chauffeurs" prestam valioso auxílio, e o proprietário Manuel Rosinhas, que ataca o decreto.

Nesta altura, como a hora vai adiantada, Manuel Claro leva a seguinte moção:

"1.º Protestar desde já, contra a anuncia-

da publicação do decreto e que seja nomea-

da uma comissão que se aviste com o go-

vernador civil do distrito, fazendo-lhe le-

re o profundo desgosto e grande descon-

tentamento de que se acham possuídos

todos os condutores de automóveis;

2.º Repudiar com veemência, as insinua-

cões torpes e caluniosas de certa imprensa

venal e mercantilista, fazendo-lhe sentir

que os "chauffeurs" portugueses não con-

sentem que a sua dignidade profissional e

os seus sentimentos de homens sejam tão

injustamente atingidos;

3.º Protestar contra as condições prisio-

nais e situação em que se encontram os

nossos camaradas ultimamente detidos, con-

digo e situação essa só própria de delin-

quentes intencionais.

4.º Fórmar desde já a união entre todos

os automobilistas, para assim melhor com-

batermos o mal que nos afecta;

5.º Impedir por todas as formas que se

judguem convenientes que o anunciado de-

creto seja posto em vigor;

6.º Que desde já se notifique também ao

governador que os automobilistas do norte

adotarão a mesma atitude tomada pelos

seus camaradas do sul.

Manuel Claro, que fala com bastante

energia diz não poder sujeitar-se às dis-

posições dum decreto iníquo e anti-humano.

A imensa legião dos automobilistas portu-

gueses atravessa neste momento uma das suas fases mais críticas e mais perigosas.

A ir por diante o decreto, amanhã os "chauf-

feurs" e todos quantos conduzem automó-

veis terão de abandonar o volante e dedi-

car-se a outra profissão. Por sua parte ga-

rante não estar disposto a permitir que se

tenha os "chauffeurs" portugueses na conta

de assassinos. Se a classe dos "chauffeurs"

não souber reagir, como é do seu dever, é

porque se sujeita a penalidades só aplicá-

veis a autênticos criminosos. Como se tem

em conta de homens de bem, não pode per-

mitir que quem quer que seja o acidente de-

bandido como também não consentir que os

seus sentimentos de humanidade sejam

violados. Nenhum "chauffeur" atropela por

erro. Os atropelamentos são obra da fa-

cilidade. E a fatalidade ninguém a deseja.

Ela surge quando menos se espera. Portan-

to, não se sendo responsável por delitos

que só não comete, não poderá aceitar pe-

nalidades que não merece.

Por sua parte garante que não se sujeita

às complicações que o decreto traz.

Porque o v. ex. tão comodamente e tão

tarde chegou ao Terreiro da República,

disfrutando as mais elevadas situações, que

ignora ainda, a dez meses do seu governo,

que o funcionalismo da C. M. e a popula-

ção do território é composta por pessoas

que merecem o maior respeito e considera-

ção.

Como é possível que a população não

esteja incompatibilizada com o governador

que praticou actos que a feriram na sua

dignidade?

Como pretende que o funcionalismo se

está a cumprir as suas ordens se foi

empurrado despicamente para uma com-

plexidade que "degenerou" estupidamente

numa greve?

O sr. Correia da Silva não sentiu ainda, em torno de si, a indiferença

que lava a Beira, como porta-voz do terri-

tório, quando passa por essas ruas?

Quem pode crer na firmeza recta da sua

personalidade, se por parte do seu brío,

para revogar a circular 54, que traduziu o

desprezo, desrespeitando um pacto sa-

grado faltando ao pagamento que era de-

vida?

Como aceitar a sua acção que se diz pa-

trioticamente se em papel timbrado do gove-

rnamento do território encimado pela estrela armilar,

firmou com a sua assinatura, um docu-

mento, em que agradece a cada um, de per si,

das firmas inglesas o auxílio e apoio que lhe

presaram não secundando a ordem da As-

sociação Comercial Portuguesa, e ainda

para complemento lhes assegura a sua ami-

</